

3 Metodologia

3.1 Visão geral

Conforme discutido no capítulo 2, sabemos que a abordagem sócio-cognitivista tem como foco principal os processos cognitivos que são ativados no discurso pelos atributos lingüísticos e ancorados em processos socioculturais. Nosso estudo lança mão dos pressupostos sócio-cognitivistas somados à abordagem funcionalista da Análise do Discurso para empreender uma análise que aponte para regularidades lingüísticas e psico-pragmáticas em um estudo de corpus de editoriais jornalísticos. Acreditamos que esta análise possa nos revelar os processos cognitivos e pragmáticos que explicam porque o saber intuitivo entende os editoriais como manipulativos. Este é o nosso objetivo geral. Assim sendo, postulamos como perguntas de pesquisa:

- 1) Por que o saber leigo enxerga o discurso dos editoriais como manipulativo?
- 2) Que recurso lingüístico pode estar contribuindo para esta percepção com base em sua representatividade no corpus?
- 3) Qual a função psico-pragmática deste recurso lingüístico no corpus de editoriais?

Como **hipótese** de trabalho, acreditamos que as orações subordinadas substantivas constituam o recurso lingüístico mais saliente no gênero, assim como o espaço onde pressuposições flutuam livremente, constituindo fundo e permitindo que a opinião do sujeito que age na cena comunicativa se desloque para o pano de fundo, deixando apenas o fato no foco de atenção.

Neste capítulo detalharemos o procedimento metodológico adotado na realização desta investigação, que é de natureza quantitativa (fase 1) e qualitativa

(fase 2). Levando sempre em conta que nosso foco é apontar e discutir a função das regularidades pragmático-lingüísticas que elucidem nossas perguntas de pesquisa, discutiremos no capítulo a relevância do estudo, apresentaremos o banco de dados e seus critérios de seleção e identificaremos os procedimentos de pesquisa e de análise dos dados que colaboraram para elucidar as questões inicialmente levantadas. A fase 1 sinalizou que tipo de construção tipicamente ocorre nos editoriais e nos permitiu responder às perguntas (2) e (3).

3.2. Relevância

Este estudo reflete sobre o papel das orações subordinadas substantivas sob o prisma sócio-cognitivista, através de análise de corpus. Esta abordagem torna-se relevante considerando-se que estudos anteriores tratam de outros tipos de questões em outros gêneros, conforme detalhado no capítulo 2, item 2.3.3. Dentre eles, estão Ferrari (1999), Raposo Meireles (2003) e Chiavegatto (1998).

Acreditamos que a pesquisa de corpus possa contribuir para a literatura ao “oferecer informações complexas sobre fatores sociais e textuais que influenciam as escolhas lingüísticas e, assim, contribuir amplamente para nosso entendimento do que seja o discurso” (Conrad, 2002:75)¹⁴. Este tipo de estudo considera o tamanho do corpus, os tipos de textos incluídos, o número de textos (n), os procedimentos de seleção e o tamanho de cada texto, tornando-se assim “crucial para a obtenção de resultados confiáveis e possíveis de serem generalizados” (Conrad, 2002:77). A lingüística de corpus, ainda segundo Conrad (2002:78), “fornece uma perspectiva de ‘imagens grandes’ (*big pictures*) do discurso”, e nos parece adequada ao tipo de estudo que queremos realizar, considerando-se também que, segundo a autora (2002:78), este tipo de estudo caracteriza-se por enfocar uma estrutura lingüística específica e investigar os fatores relacionados com seu uso. Parece-nos, então, ideal para atender ao escopo das perguntas de pesquisa, principalmente a (2) e a (3), nossas perguntas específicas.

De natureza interdisciplinar, esta pesquisa contribui para possíveis discussões sobre gênero, estrutura lingüística, cognição, produção e compreensão

¹⁴ “Full corpus-based studies provide complex information about social and textual factors that influence language choices, and therefore can contribute greatly to our understanding of discourse”.

de discurso, ideologia no discurso, linguagem, cultura e sociedade, entre outros temas. Baseia-se em princípios associados com duas vertentes de ordem funcionalista: a Análise do Discurso (Brown e Yule, 1983; Chimombo e Roseberry, 1998; Biber, 1988; Thompson 1987; Tomlin, 1985), incluindo os estudos de gênero (Swales, 1990; Bathia, 1993), e a Linguística Funcional Cognitiva (eg. Fauconnier, 1994, 1997; Turner, 1996; Lakoff e Johnson, 1980; Lakoff, 1990; Fauconnier e Turner, 2002; Salomão, 1999; Chiavegatto, 1998, 2002; Ferrari, 1999).

3.3 O banco de dados

O banco de dados é composto por vinte editoriais (n=20) extraídos de oito jornais de grande circulação (n=8) no Brasil, publicados entre 01/02/2003 e 15/05/2003 na internet, totalizando um banco de dados de 6.708 palavras. Ele representa o discurso jornalístico, especificamente o gênero editorial, construído nas cinco regiões do Brasil. Utilizamos 4 editoriais do jornal Correio do Povo (Porto Alegre), da região Sul; 3 editoriais do jornal O Liberal (Pará), da região Norte; 2 editoriais do jornal Folha de São Paulo (São Paulo), 2 editoriais do jornal O Globo e 1 editorial do Jornal do Brasil (Rio de Janeiro), da região Sudeste; 3 editoriais da Gazeta de Alagoas (Alagoas) e 1 editorial do jornal Diário de Pernambuco (Recife), da região Nordeste; e 4 editoriais do jornal Correio do Estado (MS), da região Centro-oeste. Procuramos constituir um corpus que caracterizasse as variedades lingüísticas, sociais e culturais das diversas regiões do país de forma equilibrada. Além disso, utilizamos a internet, constituída como um espaço midiático de livre trânsito, para acessar os editoriais que compõem o corpus reunido para este estudo. A tabela 2 resume o perfil do banco de dados que se encontra representado no Anexo 1:

Tabela 2 – Perfil do banco de dados

N=20				
Publicação	n	Região	# de palavras	Variação
Correio do Povo	4	Sul	1335	315-349
Diário de Pernambuco/ Gazeta de Alagoas	1 3	Nordeste	1305	315-333
Folha de São Paulo/ O Globo/ Jornal do Brasil	2 2 1	Sudeste	1648	312-350
O Liberal	3	Norte	968	319-328
Correio do Estado	4	Centro-oeste	1452	360-368
Σ de editoriais:	20			

Com o intuito de promovermos a validade e representatividade da pesquisa, diferentes variáveis presentes na produção textual foram controladas durante a seleção do banco de dados, a saber: gênero, tópico (todos os editoriais abordam a questão da guerra no Iraque, incluindo aspectos relacionados à sua eminência, invasão e pós-guerra), número de palavras por editorial (312-368) e número de artigos por região (região sul: n=4; região sudeste: n=5 ; região norte: n=3 ; região nordeste: n=4 ; região centro-oeste: n=4). Como os editoriais foram retirados de edições on-line de jornais disponíveis na internet, não foi necessário obter autorização junto às instituições jornalísticas para utilização do material mencionado.

A seguir caracterizaremos o gênero do corpus selecionado e apresentaremos nossa justificativa para a seleção de editoriais como corpus.

3.4. O gênero no corpus: editoriais institucionais

A escolha de editoriais para compor o corpus lingüístico foi motivada por estudos sobre editoriais com foco em diversas questões, como opiniões e ideologia (van Dijk, 1995), construção lingüística de relatos de opinião (Chiavegatto, 1998), argumentação em editoriais (Le, 2003), discurso argumentativo em cartas ao editor (Richardson, 2001) e formação de planos no

discurso (Khalil, 2001). Aliado a isso, o saber comum que continuamente aponta para a manipulação de informações nos editoriais instigou-nos a tentar desvelar que processos psico-pragmáticos o originam.

Para caracterizar o gênero no corpus, além de buscar caracterizações do texto argumentativo, também buscamos respaldo teórico sobre a noção de gênero em Bhatia (1993) e Swales (1981). Segundo este (apud Chimombo e Roseberry, 1998: 79), “o intuito comunicativo presente em qualquer gênero pode ser percebido através da progressão de movimentos retóricos, em que cada um deles atinge uma parte do objetivo discursivo”. Além disso, o autor afirma que a identificação do modo como os movimentos retóricos encontram-se estruturados no texto, ou estratégias, pode ajudar a categorizá-lo dentro de um gênero específico. Complementando esta visão, Bhatia (1993: 13) afirma que diversos fatores “influenciam a natureza e a construção de um gênero, que é primordialmente caracterizado pelo propósito comunicativo a que se destina. Qualquer alteração maior no intuito comunicativo pode levar à construção de outro gênero”. Já para Halliday e Hasan (1989, apud Chimombo e Roseberry: 81), certos movimentos são obrigatórios em alguns gêneros e em outros são opcionais. Mas, segundo eles, ao identificar os inter-textos em um texto, bem como alguns movimentos retóricos mínimos que caracterizem o texto como pertencente a um gênero específico, os interlocutores têm suas expectativas atendidas e acabam reconhecendo o texto como pertencente ao gênero em questão. Por outro lado, para Chimombo e Roseberry (1998), há muitos textos que misturam a intenção comunicativa e os movimentos de mais de um gênero.

No que diz respeito aos editoriais especificamente, Biber (1988) considera os editoriais relativamente homogêneos, com diferenças quanto às estratégias adotadas para persuadir o leitor quanto ao seu ponto de vista. A dimensão 4 (‘Overt Expression of Persuasion’, ou Expressão Explícita de Persuasão) da análise multidimensional do autor se refere à grande recorrência de marcadores explícitos de persuasão, tais como modalizadores e orações condicionais. Os editoriais constituiriam, de acordo com esta análise, um gênero textual com um fator muito alto nesta dimensão. Apresentariam ainda, um fator moderadamente alto na dimensão 6, “Elaboração Informativa On-line”, através das orações subordinadas relativas e substantivas, cuja função secundária, além de criar alto grau de interatividade, é de “expressar opiniões, atitudes ou declarações pessoais

de indivíduos (Biber, 1988: 160). De acordo com a abordagem de Biber (1988), o gênero editorial inclui o sub-gênero Editorial Institucional, que apresentaria explicitamente as opiniões oficiais de um jornal de forma não objetiva com o intuito de persuadir o leitor. Esta caracterização de Biber (1988) sobre o gênero editorial parece estar diretamente relacionada à nossa hipótese de pesquisa, já que ele detecta que as orações subordinadas substantivas contribuem sintaticamente para o processo interacional de elaboração informativa on-line, e caracteriza o sub-gênero Editorial Institucional como um discurso que se compromete mais em persuadir o leitor quanto a uma opinião do que em relatar um fato verídico.

Cabe ressaltar que a investigação de van Dijk (1995) sobre o triângulo discurso-cognição-sociedade através de uma reflexão sobre o discurso opinativo dos editoriais de jornal apresentou diversos argumentos relevantes para esta pesquisa. Por exemplo, segundo o autor, os editoriais encontram-se normalmente na mesma página e na mesma posição nos jornais diários e têm como função auxiliar os leitores a se posicionar em relação aos acontecimentos do mundo. Para isso, constroem modelos contextuais que, ainda segundo van Dijk (1995), oferecem todas as informações contextuais ou pragmáticas que influenciam as estratégias de interação, o estilo, a retórica e as estruturas superficiais dos textos ou da fala. Ou seja, os modelos contextuais construídos subjetivamente pelos participantes do discurso, somados às ideologias representantes de um grupo específico, influenciam a construção e nossa interpretação do discurso. “Os modelos contextuais fornecem todas as informações necessárias à informação contextualmente variável ou pragmática que influencia as estratégias de interação, o estilo, a retórica e as estruturas de superfície do texto ou da fala” (van Dijk, 1995).

O autor afirma ainda que os editoriais exercem influência primordial sobre as elites, apresentando uma opinião institucional, e não, pessoal. Para van Dijk (1995), é importante perceber, nos textos opinativos, como as coisas estão sendo ditas, e não apenas o que está sendo dito. O autor afirma que as opiniões de um editorial em geral derivam de representações sociais compartilhadas, e não da experiência individual de um único editor. Este aspecto sócio-cognitivo, segundo ele, aparece representado nas estruturas que constituem os editoriais. Ele afirma que, por exemplo, raramente vemos pronomes de primeira pessoa e relatos de experiências pessoais em editoriais, o que contribui para um estilo de discurso

“impessoal”. Além disso, a escolha de itens lexicais, de estruturas sintáticas e de estratégias de argumentação aponta para a grande diversidade estilística entre os editoriais de diferentes instituições.

Além da influência de van Dijk (1995), a natureza argumentativa dos editoriais motivou a análise, já que se trata de um poderoso instrumento de convencimento e persuasão de grande alcance na sociedade. Adotamos a noção de prototipicidade (Paltridge, 1994) como norte para caracterizarmos o gênero do corpus, verificando em nossas leituras sobre editoriais que os textos que compõem o gênero editorial prototípico (Paltridge, 1994: 394) costumam apresentar uma movimentação retórica típica do texto argumentativo. Dentro de uma perspectiva pragmática da noção de gênero, Paltridge (1994: 394) considera o conceito de prototipicidade um aspecto central da análise de gênero, já que “visa a explicar porque as pessoas e culturas categorizam o mundo desta maneira”. Assim, o autor estende e aplica à análise de gênero a noção de prototipicidade, em geral, usada para análises lexicais e sintáticas. Segundo ele, “quanto mais próxima a representação de um gênero estiver da imagem prototípica do gênero, maior a probabilidade desta consistir em uma amostra clara deste gênero em particular. Quanto mais afastada estiver da imagem prototípica central, mais difusa e menos característica do gênero em particular tal amostra será”¹⁵ (Paltridge, 1994: 394-395).

O autor se afina com nossos pressupostos teóricos, já que adota uma abordagem cognitivista para identificar os gêneros, citando Forbes (1992: 329, apud Paltridge, 1994: 395) como argumento para sua tese: “o significado é determinado por estruturas cognitivas externas à linguagem, e não pela relação de signos dentro de uma língua”. Assim, para Paltridge (1994), os diferentes gêneros devem ser categorizados de acordo com propriedades externas a eles, ou seja, “com base em aspectos pragmáticos e perceptuais das situações comunicativas, ao invés de lingüísticos” (Paltridge, 1994: 395). Deste modo, buscamos selecionar editoriais que apresentassem movimentos retóricos típicos da argumentação, caracterizando-os em função do seu grau de prototipicidade.

¹⁵ “The closer the representation of a genre is to the prototypical image of the genre, the clearer an example it will be as an instance of that particular genre. The further away it is from the central prototypical image, the more fuzziness there will be and the less clear-cut an example of the particular genre the representation will be”.

Van Eemeren e Houtlosser (1999: 480-1, apud. Richardson, 2001: 145) caracterizam as etapas da argumentação da seguinte maneira:

“... a etapa de confronto, onde a diferença de opinião é delineada; a etapa de abertura, onde é estabelecido o ponto de partida da discussão; a etapa argumentativa, onde os argumentos e visões críticas são trocados; e a etapa conclusiva, onde é determinado o resultado da discussão”.¹⁶

Esta movimentação retórica do texto argumentativo também é corroborada por Batteiger (1994: 1-27) e Gorrell (1998: 116) e pode ser resumida através de cinco movimentos básicos: 1-formulação de uma boa tese, 2-apresentação de informações de pano de fundo, 3-apresentação de evidências que sustentem esta tese (através de dados factuais, opiniões de especialistas, exemplos e estatísticas), 4-apresentação de pontos de vista alternativos (para imprimir credibilidade) e 5-conclusão com ênfase na importância da questão apresentada e nos principais pontos de sua argumentação.

O importante é termos em conta que tais passos apontam para um tipo de movimentação retórica recorrente em editoriais institucionais. No entanto, este fato não deve ser tomado como uma forma de categorização rígida do gênero editorial como tal, já que todo gênero pode apresentar-se mais próximo ou mais afastado do centro prototípico que o caracteriza, podendo, muitas vezes, mesclar diversos tipos de movimentos retóricos típicos de outros gêneros, tais como os da narração, da descrição, dos textos procedimentais e da exortação. Van Dijk (1995) adota esta posição e sinaliza que os editoriais seguem estruturas esquemáticas convencionalizadas, isto é categorias esquemáticas que se distribuem da seguinte maneira:

1. Resumo do acontecimento, de natureza factual;
2. Análise do acontecimento (aspectos positivos e negativos)
3. Conclusão pragmática (recomendação, conselho, aviso, sugestão), muitas vezes como se fosse uma coda característica do tipo de texto narrativo.

¹⁶ “... the confrontation stage, where difference of opinion is delined; the opening stage, where the starting point of the discussion is established; the argumentation stage, where arguments and critical reactions are exchanged; and the concluding stage, where the result of the discussion is determined”.

Em nosso estudo, adotamos as categorias esquemáticas de van Dijk (1995) para identificarmos os movimentos retóricos presentes em cada editorial. Como exemplo, apresentamos no Anexo 2 a segmentação do editorial “Sob as bombas”, de acordo com as categorias esquemáticas apresentadas por van Dijk.

Segundo as categorias de van Dijk, os editoriais mais prototípicos apresentam as três características e os mais afastados do centro prototípico apropriam para sua estrutura características próprias de outros modos discursivos. Por exemplo, o editorial “Apelos pela paz”, do jornal Gazeta de Alagoas apresenta uma estrutura retórica típica da oralidade. Segundo Halliday (1989: 32), a pontuação é um artifício que pode suprir a deficiência prosódica da escrita, trazendo características da oralidade para o texto escrito. O editorial “Apelos pela paz” não segue as regras normativas de pontuação segundo a gramática tradicional, colocando pontos finais onde deveria haver vírgulas, omitindo marcadores de coesão textuais que dariam maior unidade ao texto, tais como “nem”, “mas”, “ou”. Além disso, há marcas do registro falado, tal como a expressão “lógico”, que aumenta o grau de interatividade.

Ainda segundo Halliday (1989: 87), a linguagem falada tende a ser mais fragmentada, característica recorrente no editorial supracitado, onde há sintagmas nominais soltos (sem verbo ou predicado), orações sem sujeito (que remetem ao sujeito da oração anterior, porém sem ligação sintática explícita com o mesmo) e ausência de elos coesivos típicos da linguagem escrita, dando a impressão que o texto é uma colagem de frases oriundas de uma conversação.

Estas diversas sugestões de caracterização do texto argumentativo contribuíram para nossa identificação dos tipos textuais e movimentos retóricos que caracterizam os editoriais do corpus deste estudo. Os mesmos apresentam características prototípicas do gênero editorial e oscilam, sendo que a maioria converge para o centro, segundo os parâmetros estabelecidos para caracterizá-los em termos de movimentos retóricos típicos, conforme a tabela 3 ilustra:

Tabela 3 – Parâmetros de categorização dos editoriais

Editoriais que apresentam movimento retórico típico da argumentação:	⇒	Incluem os editoriais que apresentam as categorias esquemáticas propostas por van Dijk.
Editoriais que apresentam movimento retórico típico da argumentação com coda:	⇒	Incluem os editoriais que, além das categorias esquemáticas de van Dijk, apresentam uma coda no final do discurso.
Editoriais que apresentam movimento retórico típico da argumentação em blocos:	⇒	Incluem os editoriais que apresentam repetidamente as duas primeiras categorias esquemáticas de van Dijk, seguidas da terceira categoria esquemática.
Editoriais que apresentam movimento retórico típico da argumentação em blocos fechados, com coda:	⇒	Incluem os editoriais que apresentam repetidamente as três categorias esquemáticas de van Dijk. Ao final do texto, após todos os blocos, há uma coda conclusiva.

A tabela 4 resume como estes critérios aparecem no corpus, já que foram determinantes na nossa seleção de artigos, sempre buscando a homogeneidade do corpus e a validade do estudo.

Tabela 4 – Caracterizando o corpus

Editorial	Movimento retórico típico
A economia e a guerra	argumentação
A guerra e a economia americana	argumentação, com coda
Os efeitos da guerra na economia	argumentação
Rounds perdidos por Bush e Blair	argumentação
A guerra e nós	argumentação em blocos
Apelos pela paz	argumentação com traços da oralidade
Destino da ONU	argumentação, com coda
Não à guerra	argumentação
Contra o tempo	argumentação
Sob as bombas	argumentação
Dedo no gatilho	argumentação
Em revisão	argumentação em blocos
Ultimato à ONU	argumentação
Fatos consumados	argumentação
Guerras e fracassos	argumentação, com coda
A batalha pela paz	argumentação
Noticias do front	argumentação em blocos fechados, com coda
Futuro incerto	argumentação
Novo mundo	argumentação, com coda
Ordem imperial	argumentação

Em suma, os editoriais presentes no corpus deste estudo orbitam ao redor de um centro prototípico (gênero EDITORIAL INSTITUCIONAL), apresentando movimentos retóricos típicos da argumentação (n=12; 60%), da argumentação com coda (n=4; 20%), da argumentação em blocos (isto é, quando há repetição das duas primeiras categorias esquemáticas descritas por van Dijk, seguida da

terceira) (n=2; 20%) e da argumentação em blocos fechados com coda (isto é, quando há repetição das três categorias esquemáticas descritas por van Dijk, seguidas por uma coda final) (n=1; 5%).

Portanto, consideramos o corpus homogêneo face aos critérios propostos por van Dijk, Paltridge, Biber e Bathia. Igualmente, consideramos o corpus suficientemente representativo para que possamos investigar nossa hipótese de pesquisa e responder às perguntas enumeradas segundo Conrad (2002).

A seguir, explicitamos outros critérios utilizados na seleção dos editoriais.

3.5. Critérios de Seleção

Para minimizar as variáveis que poderiam intervir nos resultados, além dos aspectos relacionados ao gênero (editorial), a seleção dos textos utilizados na composição do corpus deste estudo caracterizou-se também pelo controle do subgênero (institucional-jornalístico), número de palavras, tópico, fontes e público-alvo. As estratégias usadas para controlar os dados foram as seguintes:

1. Seleção de vinte editoriais de jornais disponíveis na internet (n=20).
2. Seleção de editoriais com no mínimo 312 e no máximo 368 palavras.
3. Seleção de editoriais de jornais de grande circulação em cada uma das regiões geográficas do Brasil (Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, O Globo, Correio do Povo (POA), Diário de Pernambuco, Gazeta de Alagoas, O Liberal (Pará) e Correio do Estado (MS)).
4. Seleção de editoriais que tratassem do mesmo tema (guerra do Iraque).

Todos os textos selecionados têm o mesmo intuito comunicativo – apresentar o ponto de vista do jornal sobre a guerra do Iraque. No entanto, cada um deles estabelece seu ponto de vista através da construção de um discurso

fundamentado em crenças individuais do sujeito discursivo ancoradas em modelos culturais distintos. Segundo Chimombo e Roseberry (1998: 13), “o discurso é um instrumento importante para descrever, definir e até mesmo criar estruturas de poder dentro de uma cultura”. Para elas, “o lugar onde um texto aparece contém um grande significado cultural, que pode imprimir significado ao texto. Ao

contribuírem com significados culturais para o texto, tempo e lugar passam a fazer parte do contexto situacional de um texto” (Chimombo e Roseberry, 1998: 25).

No caso do corpus em estudo, o ponto de vista é o da instituição. A força deste ponto de vista está calcada na própria imagem da instituição como detentora de conhecimento. Sua periodicidade diária e seu papel de “pareceristas” dos acontecimentos são fatos que contribuem para a construção desta imagem de detentora de conhecimento suficiente para argumentar sobre o julgamento “correto” dos fatos.

A partir dos critérios relacionados em 3.4 e 3.5, selecionamos editoriais de jornais veiculados nas cinco regiões do país, com vistas a tornar o corpus representativo quanto aos regionalismos e aspectos culturais que possam estar sendo projetados no discurso em função da região onde foi produzido. Do jornal Correio do Povo (região Sul) foram extraídos os seguintes editoriais: “A economia e a guerra”, “A guerra e a economia americana”, “Os efeitos da guerra na economia” e “Rounds perdidos por Bush e Blair”, totalizando 1.335 palavras. Da região Nordeste, foram selecionados cinco editoriais de dois jornais: Gazeta de Alagoas (“A guerra e nós”, “Apelos pela paz”, “Destino da ONU”) e Diário de Pernambuco (“Não à guerra”), totalizando 1.305 palavras. Da região Sudeste, foram selecionados cinco editoriais de três jornais distintos: Folha de São Paulo (“Contra o tempo” e “Sob as bombas”), O Globo (“Dedo no gatilho” e “Em revisão”) e Jornal do Brasil (“Ultimato à ONU”), totalizando 1.648 palavras. Da região Norte, foram selecionados três editoriais do jornal O Liberal: “Fatos consumados”, “Guerras e fracassos” e “A batalha pela paz”, totalizando 968 palavras. Da região Centro-oeste, foram selecionados quatro editoriais do jornal Correio do Estado: “Notícias do front”, “Futuro incerto”, “Novo mundo” e “Ordem Imperial”, totalizando 1.452 palavras, como pode ser observado na tabela 5.

Tabela 5 – Editoriais selecionados

Publicação	Editorial	# de palavras	Região
Correio do Povo (POA)	A economia e a guerra	315	Sul
Correio do Povo (POA)	A guerra e a economia americana	343	Sul
Correio do Povo (POA)	Os efeitos da guerra na economia	328	Sul
Correio do Povo (POA)	Rounds perdidos por Bush e Blair	349	Sul
Gazeta de Alagoas	A guerra e nós	331	Nordeste
Gazeta de Alagoas	Apelos pela paz	315	Nordeste
Gazeta de Alagoas	Destino da ONU	326	Nordeste
Diário de Pernambuco	Não à guerra	333	Nordeste
Folha de São Paulo	Contra o tempo	318	Sudeste
Folha de São Paulo	Sob as bombas	312	Sudeste
O Globo	Dedo no gatilho	350	Sudeste
O Globo	Em revisão	342	Sudeste
Jornal do Brasil	Ultimato à ONU	326	Sudeste
O Liberal (Pará)	Fatos consumados	328	Norte
O Liberal (Pará)	Guerras e fracassos	321	Norte
O Liberal (Pará)	A batalha pela paz	319	Norte
Correio do Estado (MS)	Noticias do front	368	Centro-oeste
Correio do Estado (MS)	Futuro incerto	360	Centro-oeste
Correio do Estado (MS)	Novo mundo	361	Centro-oeste
Correio do Estado (MS)	Ordem imperial	363	Centro-oeste
Σ palavras		6078	

Além dos fatores já mencionados nesta seção, julgo importante mencionar que a escolha destes editoriais se justifica por sua função social expressa e construída discursivamente e por seu amplo alcance junto ao público leitor, pois apareceram em jornais de grande circulação.

3.5.1. A orientação discursiva dos editoriais

A orientação discursiva de cada editorial está diretamente relacionada às ideologias subjacentes ao discurso. Para Chimombo e Roseberry (1998: 23), “os grupos culturais, subgrupos e indivíduos inseridos em uma cultura possuem seus próprios sistemas de crenças, denominados ideologias. O discurso produzido dentro de uma cultura exhibe freqüentemente os preconceitos ideológicos do grupo ou do indivíduo. Este preconceito pode ser transparente para outros membros do grupo, que irão tratá-lo como verdade ou realidade”. Além disso, para os autores, “as instituições societárias (tais como a Igreja, o sistema educacional e a mídia)

criam realidades sociais. A maneira mais poderosa de fazer isso é através do discurso. Os jornais são uma das fontes discursivas que legitimam a estrutura social existente. Neste sentido, de acordo com Fowler (1985: 62), ‘a linguagem é uma prática social de criação da realidade’” (apud Chimombo e Roseberry, 1998: 11).

Estes fatores contextuais (situacionais e culturais) descritos pelos autores compõem o que chamamos de orientação discursiva. A orientação discursiva que permeia o corpus é caracterizada pelo modelo cultural de cada comunidade onde tal jornal se insere e pelo próprio discurso produzido nos editoriais. A identidade do produtor do discurso também se projeta na linha editorial de cada jornal e dá forma a esta orientação. Para aferirmos a orientação subjacente nos editoriais de cada jornal, agrupamos os artigos editoriais por jornal e observamos as relações entre cultura e discurso, as relações de poder operantes, as ideologias construídas discursivamente, o alinhamento e o ponto de vista defendido em cada grupo de textos, analisando tanto seu conteúdo quanto sua forma.

A maneira usada por cada editorial para sustentar um ponto de vista relaciona-se diretamente com a orientação discursiva de cada uma das instituições jornalísticas (na pessoa do editor-chefe do jornal), ou seja, com a ideologia e os modelos culturais praticados por cada uma delas, e projetadas em suas linhas editoriais.

A orientação discursiva dos editoriais foi identificada segundo as diretrizes para análise do modelo cultural subjacente ao discurso propostas por Chimombo & Roseberry (1998: 27-28):

“Examine o discurso para aferir sua orientação. Determine se está ou não voltado para o auto-desenvolvimento, a auto-preservação, a percepção do mundo, o lugar no mundo, ou uma mistura de todos estes aspectos. Lembre-se que a orientação pode se apresentar através do conteúdo e da forma, e que cada um pode apresentar uma orientação diferente. (...) Dentro da orientação do discurso, determine se ele é afetado por questões de etnicidade, solidariedade, relações de poder, exploração, ideologias, atitudes relacionadas a territórios e tempo, preconceito, atitudes contra homens e mulheres, grupos profissionais, ou uma mistura de todas estas questões. Mais uma vez, lembre-se de que estes aspectos podem ser exibidos tanto através da forma quanto do conteúdo, e que cada um pode possuir um objetivo e/ou mensagem diferentes” (Chimombo e Roseberry, 1998: 27-28).

A partir das diretrizes de Chimombo e Roseberry (1998), percebemos a orientação discursiva de cada jornal como sendo as seguintes:

- **Grupo 1 - Correio do Povo (POA)**

O modelo cultural subjacente aos editoriais do grupo 1 (Correio do Povo) é voltado para aspectos econômicos. No centro do discurso estão os prejuízos que as economias brasileira e mundial poderão sofrer em caso de guerra. A ideologia da globalização permeia o discurso, onde a guerra é tratada como estratégia econômica e financeira que poderá acarretar grandes efeitos negativos sobre a economia global. Dentro desta ótica, a informação ganha valor “de mercado”, no qual a imprensa adquire importância vital no jogo das projeções de poder no cenário internacional economicamente globalizado. Assim, a orientação discursiva do primeiro grupo é a de apontar para o leitor quais são as principais relações existentes entre a guerra e a economia em um mundo globalizado, seus efeitos, causas e interesses.

- **Grupo 2 - Gazeta de Alagoas**

Os editoriais do grupo 2 são construídos a partir de um modelo cultural de globalização, de imperialismo norte-americano e de prioridades econômicas na arena das relações internacionais. A ideologia anti-imperialista e de auto-suficiência nacional permeia o discurso, enfocando a importância de um fortalecimento econômico nacional para fazer frente à inevitável pobreza gerada pelas guerras. Dentro desta dicotomia “paz é bom” e “guerra é ruim”. O discurso dos editoriais pertencentes a este grupo alinha-se com um tipo de ideologia que favorece a diplomacia e prega o anti-imperialismo norte-americano. Este posicionamento traz a questão da guerra para um contexto local, nacional e brasileiro, de modo a favorecer, discursivamente, uma reflexão sobre a relação entre o cenário local e o cenário internacional em situação de guerra.

- **Grupo 3 - Diário de Pernambuco**

O grupo 3 constrói o discurso com base em um modelo cultural que privilegia a globalização política e econômica. A ideologia que permeia o discurso é pacifista, de união diplomática, antagonizando a guerra e o imperialismo norte-

americano. O discurso é orientado para a união dos povos, defendendo um posicionamento antibélico.

- **Grupo 4 - Folha de São Paulo**

Aludindo a um modelo cultural de globalização que reflete um forte anti-imperialismo norte-americano, mas que também privilegia a liberdade de imprensa e percebe uma bipolarização cultural, política e econômica entre mundo ocidental e oriental (árabes), o grupo 4 é composto por editoriais de ideologia predominantemente humanitária. Neste grupo, os problemas que emergem com a situação de guerra parecem valorizar os direitos humanos, dando destaque à oposição do jogo de vida e morte e à necessidade de fazer a democracia vencer frente à ditadura. Neste grupo, a orientação discursiva volta-se para os indivíduos, para os aspectos sociais e humanos, ao contrário dos outros grupos, onde as questões econômicas são priorizadas.

- **Grupo 5 - O Globo**

O grupo 5 apresenta um discurso que toma como base um modelo cultural que privilegia a globalização. A ideologia que permeia o discurso é pacifista, anti-terrorista e anti-imperialista. O discurso é orientado para a oposição entre guerra e terrorismo, de um lado, e paz e diplomacia, de outro.

- **Grupo 6 - Jornal do Brasil**

No grupo 6, o modelo cultural da globalização também emerge, e as forças diplomáticas internacionais (no caso, na esfera das Nações Unidas) ganham importância e papel central. A ideologia anti-imperialista e anti-bélica norteia o discurso, alinhando-o com ideais pacifistas e diplomáticos.

- **Grupo 7 - O Liberal (Pará)**

Assim como os editoriais dos grupos 1 e 4, os artigos que constituem o grupo 7 projetam um modelo cultural onde vigora uma estrutura imperialista e globalizada com foco em aspectos econômicos (assim como o grupo 1) e em aspectos humanitários (como o grupo 4). A ideologia discursiva que caracteriza este grupo é anti-imperialista, aponta para o fracasso dos meios diplomáticos, coloca a economia acima da política e vê a guerra como um fenômeno múltiplo:

político, econômico e publicitário. A orientação discursiva aponta para um modelo cultural de “imperialismo democrático”.

- **Grupo 8 - Correio do Estado (MS)**

Os artigos que compõem o grupo 8 apresentam um modelo cultural inexorável de instabilidade política mundial, inserido no discurso da globalização. A ideologia, que privilegia as ações anti-bélicas, os objetivos de crescimento econômico e as ações humanitárias, aparece marcada de várias maneiras no discurso. Enunciados como “um atentado ao conceito de autodeterminação dos povos” deixam claro o alinhamento discursivo deste grupo com a ideologia democrática em um mundo globalizado e economicamente “estável”, que está sendo ameaçada diante da realidade da guerra. Ao alinhar esta ideologia com as manifestações anti-bélicas, opostas às ações imperialistas norte-americanas, o discurso aponta para a mudança significativa que passará a operar no jogo das relações internacionais.

Apesar de salientarem diferentes aspectos da guerra e assumirem orientações discursivas com características próprias, todos os oito grupos são anti-imperialistas, globalizantes e pacifistas, como mostra a tabela 6.

Tabela 6 – Caracterização da orientação discursiva

Grupo	Publicação	Modelo Cultural Subjacente	Orientação Discursiva
1	Correio do Povo (POA)	Aspectos econômicos	Relacionar a guerra à economia globalizada.
2	Gazeta de Alagoas	Globalização, imperialismo norte-americano, voltado para questões econômicas	Favorecer a diplomacia e fortalecer a economia e a autonomia nacional.
3	Diário de Pernambuco	Globalização política e econômica	Favorecer a união dos povos. Discurso pacifista e anti-bélico.
4	Folha de S. Paulo	Globalização, imperialismo norte-americano, voltado para questões humanitárias	Discurso voltado para os indivíduos, para aspectos sociais e humanos.
5	O Globo (RJ)	Globalização	Discurso bipolar: guerra e terrorismo x paz e diplomacia.
6	Jornal do Brasil (RJ)	Globalização, imperialismo, anti-belicismo	Discurso alinhado com pacifismo e diplomacia.
7	O Liberal (Pará)	Globalização, imperialismo norte-americano, voltado para questões econômicas e humanitárias	Discurso alinhado com uma ideologia que equilibra imperialismo e democracia.
8	Correio do Estado (MS)	Globalização econômica e instabilidade política mundial	Discurso alinhado com a ideologia democrática pregada segundo os moldes da globalização.

Entre os critérios de seleção, destacamos também a importância da homogeneidade do tópico. Todos os editoriais têm a guerra como entidade tópica do discurso (a guerra e seus efeitos; a guerra e seus impactos econômicos; a guerra e suas tragédias; a guerra e o Brasil; a guerra e a ONU; a guerra e a política internacional; a guerra e os direitos humanos).

A tabela 7 sistematiza as características gerais do banco de dados, indicando gênero, sub-gênero, estrutura retórica, principal entidade discursiva, tópico, público-alvo, objetivo e orientação.

Tabela 7 – Características do banco de dados

Editoriais n=20	
GÊNERO	Editorial
SUB-GÊNERO	Institucional-jornalístico
ESTRUTURA RETÓRICA	Argumentativa
ENTIDADE TÓPICA	A guerra
TÓPICO	A guerra do Iraque e seus efeitos
PÚBLICO-ALVO	Leitores de jornal on-line (internet), de escolaridade média para alta e pertencentes à classe média/alta
OBJETIVO	Apresentar o ponto de vista do jornal
ORIENTAÇÃO	Dada pela instituição (modelo cultural da globalização e ideologia anti-imperialista subjacente em todos os editoriais)

3.6. Procedimentos de pesquisa

Nossa pesquisa se divide em duas fases. Na primeira, seguimos os seguintes procedimentos: primeiramente selecionamos o arcabouço teórico que conjugasse gramática, cognição e discurso, dada a natureza de nosso objetivo geral, as perguntas de pesquisa e nosso arcabouço teórico. Escolhemos, então, o sócio-cognitivismo; em segundo lugar selecionamos os editoriais que comporiam o corpus, segundo os critérios explicitados em 3.3 e 3.5, de uma base maior de dados. Para tanto, pesquisamos diversos jornais publicados na internet em busca de uma representatividade regional equilibrada, já que o Brasil é um país culturalmente vasto. Na seleção final, 20 editoriais representam as cinco regiões do país. Em terceiro lugar, efetuamos a codificação e a contagem da frequência das orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais por editorial. Dado

que os diversos editoriais variam em número de palavras, todos os valores foram normatizados para 1000 palavras. Para isso, tomamos a frequência real dos três tipos de orações subordinadas por editorial e dividimos este valor pelo número total de palavras de cada editorial. Em seguida, multiplicamos este valor por 1000. Por exemplo, a frequência padronizada das orações subordinadas substantivas no texto “A economia e a guerra” é:

$$(12 / 315) \times 1000 = 38,09^{17}$$

Este procedimento de pesquisa permitirá a comparação de nossos resultados com índices aferidos em outros estudos de corpus em língua portuguesa. Tendo em mãos as frequências normatizadas, aplicamos operações de estatística descritiva (média, variação, desvio padrão, valor mínimo e máximo) para efetuar a análise quantitativa dos dados, dando prosseguimento à comparação dos dados quantitativos aferidos em cada editorial. Um avaliador externo, doutor em língua portuguesa foi chamado para corroborar a codificação das orações e evitar ameaças à validade do estudo.

A primeira fase da pesquisa nos permitiu responder à segunda pergunta de pesquisa – que recurso lingüístico pode estar contribuindo para esta percepção com base em sua representatividade no corpus? Dada a representatividade estimada pela frequência de ocorrências, restringimos a análise qualitativa dos dados à estrutura de maior representatividade – as orações subordinadas substantivas.

Em seguida, demos início à segunda fase, com a análise qualitativa do contexto das orações subordinadas substantivas, buscando perceber sua relação com os espaços mentais ativados no discurso e com o jogo figura-fundo na tentativa de responder às perguntas de pesquisa (1) e (3):

- Por que o saber leigo enxerga o discurso dos editoriais como manipulativo?
- Qual a função psico-pragmática deste recurso lingüístico no corpus de editoriais?

¹⁷ Na análise quantitativa, os valores serão arredondados para trabalharmos com números inteiros.

Os procedimentos de pesquisa encontram-se ilustrados na figura 4.

Figura 4 – Procedimentos de pesquisa

Quais os processos psico-pragmáticos que motivam a impressão de que os editoriais fazem mais do que emitir opiniões?

1ª FASE

Que recurso lingüístico pode estar sinalizando esta percepção com base em sua representatividade no corpus?

1. Estabelecimento do arcabouço teórico com base nas perguntas de pesquisa.
2. Seleção dos editoriais.
3. Codificação e contagem dos recursos lingüísticos.
4. Normatização das freqüências.
5. Análise quantitativa: estatística descritiva.
6. Interpretação dos dados quantitativos.
7. Seleção das orações subordinadas substantivas como objeto de análise.



2ª FASE

Qual a função psico-pragmática das orações subordinadas substantivas nos editoriais?

8. Análise qualitativa: as orações subordinadas substantivas como função de fatores psico-pragmáticos e sócio-cognitivos: EMs, mesclas, figura-fundo.
9. Contraponto com resultados de estudos anteriores.



Conclusão

A relação entre a orientação discursiva, os espaços mentais e as orações subordinadas substantivas

3.7. Procedimentos de análise dos dados

A análise quantitativa dos editoriais foi cega, garantindo que as fontes não fossem identificáveis. Para tal, os artigos foram embaralhados. Já a análise qualitativa considerou todas as variáveis pragmáticas e contextuais relacionadas aos editoriais, tais como a instituição que veiculou cada editorial e a região do país onde estes foram publicados, e a orientação discursiva. Sendo assim, durante a análise qualitativa consideramos cada editorial em seu contexto discursivo, abolindo a estratégia de realizar uma análise cega, pois só assim poderíamos fazer uma análise psico-pragmática real.

As orações principais, orações coordenadas e orações subordinadas foram codificadas manualmente, por esta pesquisadora e por um avaliador independente, doutor em língua portuguesa. Em seguida, identificamos as orações subordinadas substantivas, as adjetivas e as adverbiais (reduzidas e desenvolvidas). A partir da categorização das orações subordinadas por tipo, fizemos a contagem da frequência de cada um deles por editorial, aferindo também o valor total de ocorrências no corpus e normatizando os resultados obtidos para 1000. Usamos a estatística descritiva para aferir os valores máximo e mínimo, média e variação correspondentes.

As aferições quantitativas tiveram como função nos ajudar a perceber a regularidade com que as orações subordinadas aparecem no corpus e a escolher nosso foco. Tomando Biber (1988) e sua análise dos editoriais como base e os resultados de nossa investigação, selecionamos as orações subordinadas substantivas como nosso foco de investigação. Em relação aos demais tipos, as substantivas aparecem com frequência superior, constituindo uma regularidade do gênero, como já havia apontado Biber (1998).

A análise qualitativa teve como objetivo refletir sobre a função das orações subordinadas substantivas no gênero editorial segundo o arcabouço teórico desenvolvido no capítulo 2.

Para tal, lançamos mão da Teoria dos Espaços Mentais e dos conceitos de mescla e jogo figura-fundo, também discutidos no capítulo 2. Conforme lá apontamos, Neves (1997: 26-27) vê o sistema de transitividade “como intimamente relacionado com a formação de planos no discurso (*grounding*): o primeiro plano (*foreground*), que se constitui das partes que contribuem para

expressar melhor os propósitos do falante (a narrativa dos eventos), e o plano de fundo (*background*), que se constitui das partes que apenas ampliam, comentam ou embasam a narrativa básica, sem fazê-la progredir”. Se tomarmos Neves (1997, 2002), Abreu (1997), Khalil (2000), Langacker (1991), Tomlin (1985) e Grundy e Jiang (2001), podemos teorizar que as orações subordinadas são figuras, sendo elaboradas por informações que aparecem no **contexto** e que fazem parte do *pool* pressuposicional. Se as substantivas funcionam como figuras no **plano ideacional e perceptivo**, elas permitem que as opiniões da instituição, presentes na moldura comunicativa, permaneçam fora do foco de atenção, contribuindo para a **projeção** de opiniões como fatos.

Cognitivamente, parece que instauram-se como espaços mentais **mescla** (Fauconnier, 1997) necessários para o compartilhamento de informações. Similarmente, porém do ponto de vista sistêmico-funcional, Neves (1997: 28), defende que “admitir determinações discursivas na sintaxe equívale a incorporar a pragmática na gramática”. Aparentemente as orações subordinadas substantivas criam um cenário propício para que planos contextuais que contêm outras informações não explícitas, tais como crenças, ideologias e modelos culturais subjacentes, estabeleçam pontes com o domínio da realidade apreendida (cf. capítulo 2).

Esta hipótese parece emergir de dois processos discursivos já mencionados no sub-item 2.3.2 do segundo capítulo que, aparentemente, operam com regularidade nos editoriais:

1. A transformação de uma opinião em “verdade”; e
2. O sombreamento da voz responsável por determinada opinião.

Nossa análise consistiu em investigar a recorrência e o modo de operação destes processos psico-pragmático à luz da Teoria dos Espaços Mentais, na tentativa de sistematizar como estes dois processos ocorrem.

Por exemplo, em (10)

- (10) É muito difícil dimensionar, num exercício de futurologia econômica, as conseqüências do conflito bélico em nossa economia.

A estrutura clivada (em destaque) apresenta uma opinião (a do jornal, que “acredita ser muito difícil dimensionar...”). No entanto, mascara o sujeito discursivo e ativa espaços mentais onde flutuam pressuposições, tais como: “algo precisa ser dimensionado” e “ existe um fato dimensionável”. Estas pressuposições e o ponto de vista da instituição constituem o fundo, ficando fora do foco de atenção. As crenças e ideologias se projetam no discurso de forma sintaticamente não marcada, porém perceptualmente e ideacionalmente estão salientes. No segundo processo, a oração clivada, ao mascarar o sujeito responsável pelo ponto de vista, cria a impressão de que o mesmo é compartilhado por todos, já que o que é pressuposto é conhecimento comum.

Passamos então a reportar os resultados da análise do corpus, indicando os resultados da primeira fase (análise quantitativa) e da segunda fase (análise qualitativa).